

PROTOCOLO PECS COMO INTERVENÇÃO ALTERNATIVA PARA FACILITAR A DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

PECS PROTOCOL AS AN ALTERNATIVE INTERVENTION TO FACILITATE THE COMMUNICATION DIFFICULTIES AND DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISM

Elisandra Silveira Gonçalves Rodrigues ¹

Resumo: O transtorno do espectro de autismo é uma perturbação que afeta o desenvolvimento físico, social, cognitivo e de comunicação de crianças, prejudicando assim sua inserção social e o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na escola devido às suas restrições. Dessa forma, há diversos protocolos de cunho psicopedagógico, que buscam desenvolver habilidades e assim melhorar a qualidade de vida das crianças e suas famílias como o PECS, que trabalha a comunicação e inserção social por meio de figuras e desenhos. Neste sentido, esta pesquisa analisou o desenvolvimento de uma criança autista que realiza atividades com uso de PECS como educação alternativa para seu desenvolvimento. Sua mãe e professora também participaram da pesquisa, na qual se concluiu que o protocolo deve ser utilizado de maneira isolada, conforme a necessidade de cada aluno, para que os avanços e superação das limitações sejam benéficos para a melhoria da qualidade de vida dos autistas.

Palavras-chave: Troca de figuras. Práticas Pedagógicas Alternativas. Intervenções Psicopedagógicas.

ABSTRACT: Autism spectrum disorder is a disorder that affects the physical, social, cognitive and communication development of children, thus impairing their social insertion and the development of the teaching-learning process in the school due to its restrictions. Thus, there are several psychopedagogical protocols, which seek to develop skills and thus improve the quality of life of children and their families as the PECS, which works with communication and social insertion through figures and drawings. In this sense, this research analyzed the development of an autistic child that carries out activities using PECS as alternative education for its development. Her mother and teacher also participated in the research, which concluded that the protocol should be used in isolation, according to the needs of each student, so that advances and overcoming limitations are beneficial for improving the quality of life of autistics.

Keywords: Change of figures. Alternative Pedagogical Practices. Psychopedagogical Interventions.

Introdução

O transtorno do espectro de autismo causa prejuízos no desenvolvimento comportamental, de comunicação, cognitivo e social. Dentre as principais características do transtorno estão alterações nas interações sociais, atividades restritas e repetitivas e dificuldades na comunicação. O diagnóstico precoce e a intervenção adequada melhoram consideravelmente a qualidade de vida do indivíduo.

Para tanto, existem diversas formas de intervenção, uma delas é o PECS. Por meio dele ocorre a comunicação por meio da troca de figuras, de forma que, a criança com autismo é estimulada a desenvolver a linguagem gestual que pode facilitar o desenvolvimento das dificuldades da fala.

Com base neste contexto, este estudo analisou por meio da aplicação de questionário a mudança no desenvolvimento de uma criança autista, de maneira, que a pesquisa foi realizada com uma professora, uma criança autista e sua mãe, a fim de atingir o objetivo do estudo, que consistiu em analisar, em especial, as vantagens da utilização do protocolo de PECS para o desenvolvimento da comunicação de crianças autistas, bem como de seu desenvolvimento em geral.

Transtorno do Espectro do Autismo

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma perturbação que afeta o desenvolvimento do indivíduo influenciando seu comportamento, a comunicação e a interação social. O TEA traz prejuízos persistentes na comunicação e interação social desde a infância, quando a doença é diagnosticada, quanto mais cedo o diagnóstico, mais eficazes são os métodos de intervenção psicoeducacionais, a fim de evitar que interesses e atividades do indivíduo sejam prejudicados (ONZI; GOMES, 2015).

Isto porque quando o transtorno é diagnosticado na fase inicial podem ocorrer intervenções que podem acarretar na significativa melhora da qualidade de vida da criança autista no desenvolvimento de suas habilidades e competências (RANGÉ, 2011).

As causas do autismo ainda não são totalmente reconhecidas, pois estudos ao longo dos anos demonstram que é um distúrbio de desenvolvimento que pode ser relacionado a causas biológicas devido a variações neurológicas e/ou genéticas durante a gestação (RANGÉ, 2011; ASSUMPÇÃO, PIMENTEL, 2000).

Conforme o Ministério da Saúde, estudos mais recentes trouxeram as características e o nível de gravidade do autismo que é dividido em graus com base no comportamento da criança, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Gravidade do TEA

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos repetitivos e restritos
Nível 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode aparentar pouco interesse por interações sociais.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.
Nível 2 “Exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio, limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem dos outros.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.

<p>Nível 3</p> <p>“Exigindo apoio muito substancial”</p>	<p>Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, limitação em iniciar interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros.</p>	<p>Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.</p>
---	--	---

Fonte: APA (Associação Americana de Psiquiatria, 2014).

Nota-se que a comunicação e os comportamentos repetitivos e restritos são as principais características do TEA, de modo que, afetam significativamente a qualidade de vida da criança a depender do seu nível de gravidade podendo decorrer em dificuldades de interação, problemas de linguagem com confusão linguística e compreensão da fala, distúrbios alimentares, hipersensibilidade, dentre outros.

Sobre o tratamento, sabe-se que no autismo, “nem todos são iguais e nem todos têm as mesmas características. Uns podem ser mais atentos, uns mais intelectuais e outros mais sociáveis, e assim por diante” (FERREIRA, 2009, p. 15).

Desta forma, as intervenções são baseadas nas necessidades de cada indivíduo, não há um só padrão, pois não há um só diagnóstico já que existem diversos graus para o transtorno.

Intervenções Psicopedagógicas

As intervenções psicopedagógicas são essenciais para o desenvolvimento de crianças com autismo, em especial, para aqueles que apresentam limitações e restrições mais severas. Assim, os educadores e profissionais multidisciplinares como psicólogos e fisioterapeutas devem atuar no sentido de identificar as dificuldades do autista para propor medidas de intervenções eficazes para o desenvolvimento físico, psicológico, comportamental e cognitivo (NASCIMENTO, 2013).

Um dos métodos de tratamento de autista é o PECS termo que deriva da nomenclatura em inglês Picture Exchange Communication System que significa Sistema de Comunicação através da troca de figuras. Por meio do PECS as crianças autistas são estimuladas a perceberem que é por meio da comunicação que eles podem conseguir o que desejam (LOCATELLI; SANTOS, 2016).

Sendo que é “um método de comunicação alternativa através de troca de figuras, é uma ferramenta valiosa tanto na vida das pessoas com autismo que não desenvolvem a linguagem falada quanto na vida daquelas que apresentam dificuldades ou limitações na fala” (AMA, 2015, p. 01).

Togashi e Walter (2016, p. 353) destacam que por meio do PECS a criança autista “consegue atingir um nível de autonomia e a pontuação necessária para efetuar um pedido de forma independente, torna-se apto para prosseguir para a fase seguinte cujo grau de dificuldade vai aumentando”.

Pois, de acordo com o protocolo PECS, as crianças com dificuldade na fala adquirem a habilidade funcional de conseguir a atenção das pessoas com o auxílio das figuras. Assim, esse método amplia as possibilidades de comunicação, além de ser um protocolo de baixo custo, que exige pouca capacidade motora e que pode ser ensinado rapidamente (JURGENS, ANDERSON & MOORE, 2009; BONDY, FROST 1994).

Conforme Mizael e Aiello (2013), com base numa pesquisa de revisão de literatura de artigos nacionais e estrangeiros a utilização do método PECS se mostrou ser um promotor de comunicação gestual e vocal para indivíduo com TEA, sendo uma estratégia de ensino individual de maneira independente cujos ganhos decorrem na vocalização e aproximação das palavras com intenção comunicativa chegando à fala funcional em alguns casos.

Sendo, portanto, uma valorosa ferramenta de estímulo à comunicação, pois além de atrair a atenção ainda permite que ela se comunique facilmente por meio das figuras. Além de incentivar a autonomia e independência, acarretando na criação de possibilidades que irão facilitar o desenvolvimento de habilidades, inclusive da fala (TOGASHI; WALTER, 2016).

Material e Métodos

O estudo foi realizado por meio da aplicação de duas entrevistas semiestruturadas com sete

perguntas cada, que objetivou compreender sobre o entendimento de uma professora de crianças autistas, bem como de um aluno sobre os benefícios e dificuldades encontradas por crianças com TEA no processo de ensino-aprendizagem com a utilização de PECS (figuras e desenhos).

A primeira entrevista foi realizada com uma professora de artes plásticas de uma escola particular que acompanha crianças com autismo há seis anos, e que, inclusive é professora da criança autista que também compõe esta pesquisa.

A segunda entrevista foi realizada com uma criança autista que desde os quatro anos de idade foi diagnosticado com TEA e que cursa o 5º ano do ensino fundamental de uma escola particular, sendo que no contra turno da escola regular, frequenta a escola de artes. Convém destacar que, a entrevista foi realizada na presença da mãe da criança e com isso no momento da entrevista também participou sendo questionada a respeito do desenvolvimento do filho devido às atividades pedagógicas.

Ambas as entrevistas tiveram duração de duas horas e foram realizadas separadamente no dia 26 de julho de 2018, na cidade de Palmas/TO, os entrevistados foram voluntários.

Resultados

Entrevista 1- professora

Quando questionada sobre o tipo de trabalho que desenvolve com crianças autistas, a professora revelou que é sobre artes visuais com atividades de pintura e desenho. Sobre a relevância de desenvolver esse tipo de trabalho, a entrevistada revelou que o desafio de ensinar pessoas que apresentam dificuldade de se comunicar com ambiente e que a arte tem bastante importância neste processo, ela enfatizou que: “A princípio eu conhecia pouco sobre o assunto, precisei estudar muito, a neurociência me ajudou muito a entender todo o processo, mas a prática foi a que mais me ensinou”.

Sobre os desafios, a entrevistada diz que o maior foi compreender a comportamento de cada uma e respeitar seus limites, de modo a, não impor ritmo de trabalho, mas sim acompanhar o deles.

Tanto que o planejamento das atividades, um dos questionamentos da pesquisa, é realizado conforme o comportamento dos alunos, não há um padrão. A professora disse que observa o comportamento deles, sendo que há alguns planejamentos comuns para todos, mas a ordem e sequência das atividades são diferenciadas conforme as peculiaridades e necessidades de cada aluno.

Tais práticas pedagógicas são defendidas por Mizael e Aiello (2013), que defendem que a estratégia de ensino com uso de PECS é individual e que os ganhos da estratégia ocorre ao longo das atividades, dependendo da desenvoltura de cada criança autista.

Nesse sentido, a entrevistada afirmou que os sentimentos mútuos são essenciais para auxiliar nos resultados positivos das práticas pedagógicas:

“O respeito e a cumplicidade são fundamentais para sua relação com crianças autistas, sem esses elementos é impossível se ensinar a alguém, e que, quando se tem segurança no que se está fazendo tudo acontece conforme o planejamento pedagógico” (Entrevistado A 2018).

Quanto às lições advindas da atividade, a professora destacou que é:

“Perceber os avanços, a concentração e o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Quando eles chegam, vejo nos desenhos e pinturas a desordem mental refletida na tela e com o tempo tudo começa a se organizar, cores, materiais e pensamentos, tudo toma forma e o principal, de maneira prazerosa” (Entrevistado A, 2018).

Neste espectro, Togashi e Walter (2016) retratam que com a utilização de figuras a criança autista consegue ter mais autonomia e seu desenvolvimento, em todos os sentidos, é potencializado facilitando sua vida e melhorando sua qualidade de vida, já que começa a superar suas limitações.

Por fim, ao comentar sobre o seu trabalho, a entrevistada disse se sentir muito realizada profissionalmente com a oportunidade de propor atividades que melhoram a qualidade de vida da criança autista, bem como de sua família, pois as atividades lúdicas e pedagógicas impostas pelas atividades, com uso de artes visuais que inclui desenho e figuras, facilitam e melhoram a comunicação das crianças que devido ao transtorno apresentam dificuldades na comunicação.

Entrevista 2- criança autista e sua mãe

Primeiramente, foi questionado sobre o perfil da criança autista que afirmou que tem 10 anos de idade e que frequenta a escola de artes desde os cinco anos. Sobre sua opinião sobre a instituição escolar, a criança afirmou que gosta muito da escola porque só faz o que gosta lá, que fica a maior parte do tempo desenhando e pintando, além de ouvir histórias, atividades estas que lhe proporcionam prazer.

Sobre o atendimento dos professores, a criança disse que às vezes a professora demora a ajuda-lo, mas que como ela explica que ele precisa esperar, pois existem outros alunos a serem atendidos, ele já compreendeu que precisa aguardar sem gritar.

Demonstrando que, quanto ao questionamento sobre gostar ou não da professora, a criança destacou que:

“Ela é legal, muito engraçada e me ensina coisas que ficam bonitas, eu não gosto de fazer coisas feias, só coisas bonitas e coloridas. Ela também não me dá bronca e eu não fico o tempo todo escrevendo que é chato” (Entrevistado B, 2018).

O que denota uma boa relação entre a professora e o aluno autista, ele afirmou que, “ela é boa, ela gosta de mim, me dá carinho e só às vezes me dá bronca, só quando eu faço birra, mas é bom”. E que, “ela me ajuda a ser educado e a fazer pinturas legais, que todo mundo gosta de ver e me falam que ficou legal e eu gosto”.

Acerca das dificuldades que encontrou na escola de artes em relação às atividades, o entrevistado disse que:

“Não encontrei dificuldade nas atividades, só que antes eu não gostava de ficar com as outras crianças porque elas *“ficam”* o todo falando alto, aí eu não consigo ouvir a professora e não gosto do barulho delas e quando eu pedia para parar elas não gostavam. Mas eu gosto de pintar, mas não gosto de ficar no barulho, mas agora elas pararam de falar muito” (Entrevistado B, 2018).

Já em relação à convivência social:

“É difícil encontrar amigos legais e as tarefas são muito chatas e na sala de aula tem muito barulho e eu não consigo aprender assim, só gosto quando eu fico sozinho na coordenação pensando, mas a moça que cuida de lá diz que eu não posso ficar lá o tempo todo que eu quero, aí eu volto pra sala e é ruim” (Entrevistado B, 2018).

A criança destacou que outras coisas que têm medo é de “de coisas perigosas, que cortam, de bichos grandes, de coisas feias”. Concluindo, o entrevistado acrescentou que sua relação com os colegas é boa, mas que há colegas que não brincam com ele, mas há também aqueles que fazem companhia e que também o ajudam na realização das atividades em sala de aula.

Sobre as vantagens do desenvolvimento da criança entrevistada, após o início com o

protocolo PECS, a mãe da criança, entrevistado C, informou primeiramente sobre o perfil do o filho, que apresenta muita resistência nas atividades escolares, mas que adora participar das aulas de artes. Na escola convencional, ele quase não participa das atividades orais, porém na escola de artes gosta de ler, perguntar e demonstra ter boa memória quando questionado sobre a vida dos artistas que são estudados em sala de aula.

Ela acrescentou que depois que seu filho começou a frequentar a escola de artes se tornou uma criança mais comunicativa, alegre e que sua coordenação motora também melhorou. Mas, o que ela mais admira é a relação de amizade e carinho com a professora de artes, pois “lá ele se sente completamente amparado e acolhido”.

Considerações Finais

Esta pesquisa observou que, crianças com autismo têm suas habilidades melhores desenvolvidas com métodos pedagógicos alternativos como a utilização do protocolo PECS.

Ao analisar a entrevista da professora, de seu aluno autista e de sua mãe, notou-se que a criança teve diversos avanços no envolvimento social, na comunicação e no desenvolvimento cognitivo de forma a contribuir significativamente para a melhora da sua qualidade de vida. Além do mais, a professora se sente motivada ao perceber que as ferramentas utilizadas na escola de artes têm proporcionado a superação dos desafios e das limitações de criança com autismo.

Pretende-se estender este estudo de forma a abranger mais professores, bem como crianças autistas e seus pais a fim de compreender esse universo de mudança proporcionada pela utilização de protocolos que auxiliem no desenvolvimento físico, cognitivo, comunicacional, emocional, social e dentre outros, de crianças com autismo.

Referências

AMA. Associação Mão Amiga: Associação de Pais e Amigos de Pessoas Autistas. **Tratamento**. Disponível em:<<http://www.ama.org.br/site/tratamento.html>>. Acesso em set de 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5**. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

ASSUMPÇÃO, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. Ver. Brás. **Psiquiar**, 2000.

BONDY, A. S.; FROST, L. A. The Picture exchange communication system. **Focus On Autistic Behavior**, nº 9, volume 3, p. 1, 1994.

FERREIRA, Joana Cristina Paulino. **Estudo exploratório da qualidade de vida de cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo**. Porto, 2009. Dissertação (Monografia em Educação Física); Faculdade de Desporto; Universidade do Porto, 2009.

JURGENS, A.; ANDERSON, A.; MOORE, D. W. The effect of teaching PECS to a child with autismo on verbal behavior, play, and social functioning. **Behaviour Change**, nº 26, volume 1,p. 66-81, 2009.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos. AUTISMO: Propostas de Intervenção. **Revista Transformar**. 8º edição, 2016.

MIZAEI, T. M. & AIELLO, A. L. R.. Autismo e o Picture Exchange Communication System **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 19, n. 4, p. 623-636, 2013.

NASCIMENTO, F. D. do. **O papel do psicopedagogo na instituição escolar** (2013). Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-papel-dopsicopedagogo-na-instituicao-escolar>. Acesso em out de 2013.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. **Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação.** Caderno pedagógico, Lajeado, volume. 12, nº. 3, p. 188-199, 2015.

RANGÉ, Bernard & Colaboradores. **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria** - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2011.

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, volume 22, nº. 3, 2016.

Recebido em 28 de julho de 2018.
Aceito em 6 de novembro de 2018.